



## **Exército Zapatista de Libertação Nacional - O Caminhar de Uma Memória Viva: Uma Perspectiva Sobre a História do México Tecida Através de Seus Documentos e Comunicados de 1994 A 2001.**

Vinícius Fávero<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho configura-se como uma pesquisa em andamento, em curso de mestrado. Tem como objeto a análise da perspectiva sobre a História do México traçado pelo discurso do Exército Zapatista de Libertação Nacional e o local que a organização da região de Chiapas ocupa em meio a esta. Para isso, se empregam como fontes os cinco volumes de documentos presentes na coleção EZLN: Documentos y Comunicados, englobando os manifestos, notas, declarações e proclamações escritas pela organização, no período de 1994 até 2001. Através dela, se trabalha a perspectiva da memória coletiva e da análise do discurso para se caracterizar como a memória dos Povos Originários, que integram o movimento, incidem e transformam sua visão e organização. Por fim, através da análise da práxis da organização e seus militantes, busca-se investigar como o EZLN se coloca e se relaciona em meio aos demais movimentos revolucionários da América Latina, através de sua singularidade e características fundamentais.

**Palavras-chave:** EZLN; Memória; Povos Originários; Práxis.

### **Chiapas – Palco da Tormenta**

O estado de Chiapas, localizado na fronteira mexicana com a Guatemala, possui uma superfície de 74.211 km<sup>2</sup>. No contexto de análise da presente pesquisa (1994-2001), estima-se que a região fosse habitada por aproximadamente 3.600.000 pessoas, sendo que mais de um milhão destas são indígenas. Já no período do levantamento zapatista, o local hospedava 82% da planta petroquímica mexicana, além de suas hidrelétricas produzirem 20% da energia de seu país, contando também com vastos poços de petróleo não explorados. Chiapas configurava o maior produtor nacional de milho, detendo também 35% da produção de café. O turismo internacional centralizado ao redor dos sítios arqueológicos Maias presentes no território chiapaneco também traz grandes recursos ao país. Para atender as demandas dos visitantes, o estado contava com uma média de sete quartos de hotel para cada 1.000 turistas (GENARI, 2002, p. 15-16).

As riquezas materiais e imateriais citadas acima nos mobilizam a enxergar a região como rica, com potencial de crescimento e desenvolvimento riquíssimo. No entanto, a

---

<sup>1</sup>Mestrando em História na Universidade Federal do Paraná pela linha de pesquisa Intersubjetividade e Pluralidade: reflexão e sentimento na História. Orientado pela Profa. Dra. Miliandre Garcia de Souza. E-mail: vini\_drecshel@hotmail.com.



segregação e hiper-concentração de recursos nas mãos de uma elite agrária, nos apontam para uma realidade muito mais nefasta. Somente 1/3 das casas chiapanecas, no referido contexto, possuía energia elétrica, sendo que a maioria nem mesmo conta com lâmpões a gás. Por mais que a produção de madeira e da agropecuária do estado sejam de grande peso para o país, 54 em cada 100 moradores de Chiapas se encontravam em estado de desnutrição, sendo este fenômeno um espectro que ameaça a vida de 80% da população. Neste panorama, a miséria ceifa a vida de um habitante da região a cada 35 minutos. Ao mesmo tempo que o local conta com acomodações confortáveis aos turistas que buscam deslumbrar-se com o “passado” originário, o estado possui apenas 0,3 leitos de hospital para cada 1.000 habitantes, além de somente um centro cirúrgico para cada 100.000 chiapanecos (Ibidem).

As contradições latentes do estado de Chiapas demonstram a estruturação sistemática de um projeto de exclusão e perversidade, que garante o enriquecimento de proprietários do agronegócio, empresas turísticas e o capital internacional, contando com a anuência do governo, chefiado pelo chamado “sistema de partido de estado”<sup>2</sup>. Ainda, a estruturação de organizações paramilitares e de jagunços, as chamadas “guardias blancas”, auxiliam na expulsão das populações indígenas de suas terras coletivas, que passam a ser expropriadas para uso e extração de recursos ou implantação de hidrelétricas.

É neste cenário que o EZLN se organizará e se publicizará enquanto representante armado de comunidades indígenas provenientes de etnias maias (centralmente, de populações tzotzils, tzeltales, choles, zoques e tojobales). No entanto, a resistência, as lutas e as tradições destas populações se fazem centenárias e marcadas, como veremos, pela perspectiva da *longa duração*.

### **EZLN – Formação de um movimento único**

A resistência e luta dos Povos Originários de Chiapas precede, e muito, a existência do EZLN. Dentre as etnias mexicanas, percebe-se que os povos maias se destacam dentre aqueles que mais resistiram à conquista europeia. Sendo apenas submetidos ao domínio colonial completo em 1703, prontamente se rebelam à tentativa de submissão (como em grandes

---

<sup>2</sup> O governo mexicano, principalmente durante a tardia segunda metade do século XX, é marcado pelo domínio de ferro do Partido Revolucionário Institucional (PRI), que se mantém no poder através da utilização de recursos estatais para o favorecimento próprio e sua manutenção. Este processo, dentro de diversas análises, configura-se até mesmo no fraudamento de eleições diversas.



revoltas coletivas organizadas no ano de 1712) (VÉASE, 1993). As crises e ataques sofridos por estas etnias permeiam séculos e séculos de luta. Dessa forma, posteriormente, estas mesmas populações, mobilizam-se e constroem, em conjunto, o sonho, projeto e pensamento clássico de Emilliano Zapata (CASANOVA, 2009, p. 266).

Como visto anteriormente, o desenvolvimento de Chiapas se fez cruel e selvagem para seus habitantes primordiais. Agora, deve-se observar como este processo está também diretamente conectado às resistências e revoltas dos povos indígenas maias que ali vivem. Exemplo disso se vê presente nos profundos processos de crise e expulsões vividas pelos indígenas que trabalhavam nos latifúndios de café e *haciendas*<sup>3</sup> de gado, processos iniciados já na década de 30, pois tais locais não mais precisavam de sua mão de obra. Com as transformações do campo, o crescimento da produção hidrelétrica e o início da exploração do petróleo, os trabalhadores e peões livres passam a abandonar as plantações de café, cana e os locais de criação de gado, a fim de atuar nos setores que agora emergiam na região. No entanto, percebe-se que muitos membros das comunidades indígenas passam a se direcionar à selva do sul de Chiapas, em busca de uma vida própria (Ibidem, p. 267).

No contexto da selva e serra chiapaneca, as etnias maias tzotzils, tzeltales, choles, zoques, tojobales e mestiços passam a se conectar, relacionar e intercâmbiar experiências. Em meados dos anos setenta, dão origem e formam uma identidade de povos oprimidos frente aos agentes do agronegócio e interesses do grande capital na região. Essa identidade se aprofunda e culmina em uma integração de organizações étnicas e de trabalhadores, durante os anos oitenta (Ibidem, p. 266).

Em confluência a este processo, uma outra força política passará a se formar e se direcionará à selva de Chiapas. Após o fim dos embates do maio de 1968 mexicano, muitos líderes estudantis e de organizações políticas que se envolveram nos levantamentos do período, se espalham em diferentes frentes de luta (ou são cooptados pelo governo). Um dos locais escolhidos por estes, e outros militantes provenientes de organizações de caráter marxista-leninista/guevarista, foi a selva de Chiapas (Ibidem, p. 269). Os estudantes, por sua vez, possuíam o grande objetivo de lutar pela construção de uma democracia popular, liderada pelos trabalhadores, e que trouxesse um fim ao sistema autoritário e excludente que assolava o país, o sistema de partido de estado.

---

<sup>3</sup> Grandes extensões de terra controladas pela elite hispânica.



Os militantes, provenientes do México urbano e amplamente hispanizado, buscam se inserir nas comunidades originárias. Integram organizações populares, e se fazem presentes na realidade diária das populações originárias, buscando orientar suas ações de acordo com as pautas e necessidades das comunidades, que formariam organizações de massa, crescendo em silêncio. Posteriormente, já no ano de 1983, um destacamento de militantes deste agrupamento que agora se desenvolvia em Chiapas, busca se estabelecer nas montanhas da serra. O grupo era pequeno, contando com apenas seis integrantes (três indígenas e três mestiços), que procuravam aprender viver no ambiente hostil das montanhas, e que poderiam se tornar grandes aliadas em um possível enfrentamento futuro frente ao exército mexicano (assim como foram em outros levantamentos guerrilheiros latino-americanos). De 1983 até 1985, este destacamento permanece em relativa solidão e grande dificuldade em manter-se (GENARI, 2005, p. 20), recebendo poucos outros indivíduos em suas fileiras. Em 1984, aponta-se que ocorreu a chegada do militante que, posteriormente, viria a se intitular “Subcomandante Marcos”.

Com o tempo, este destacamento passa a estreitar seus laços com os indígenas da região. Firmavam acordos tácitos, treinando jovens dos povoados para que pudessem defender seus locais de origem das ações dos jagunços e das guardiasblancas. Em troca, estes mesmos jovens ajudariam a organização a adquirir suprimentos e recursos necessários para a vida na selva (Ibidem, p. 21). Aos poucos, passa a se construir, coletivamente, uma distinta forma de organização, que integrava as comunidades e o movimento que se gestava na serra. Através de um sistema de “assembleias itinerantes”, aprofunda-se a prática milenar já existente nas comunidades de se discutir, debater e decidir. Passa a se firmar, então, um conjunto cultural comum de união de distintas línguas, etnias, ideologias e religiões. Enquanto a organização revolucionária da serra aprofundava-se em seu entendimento de como discutir a luta revolucionária, as comunidades empoderavam-se na defesa contra invasores. O renomado sociólogo mexicano, Pablo González Casanova, ao se debruçar sobre este contexto aponta:

Os revolucionários aprenderam que os ritmos do povo não são os deles. Aprenderam que não se trata apenas de organizar os índios, mas sim de aprender como eles estão organizados. Construíram organizações e politizaram as existentes. (...) Descobriram que a "reordenação do mundo" só poderia vir de uma luta pela democracia que incluísse e partisse das



autonomias e dos direitos dos povos indígenas e dos pobres que não são indígenas, abrangendo toda a nação. (CASANOVA, 2009, p. 71).<sup>4</sup>

Esta dinâmica se mostra no choque de um grupo inicial de militantes oriundos de uma organização revolucionária orientada, através dos moldes do marxismo-leninismo e guevarismo, com a realidade e vivência das comunidades de Povos Originários. Ao encontrar uma experiência de luta política e social que se estendia há mais de 500 anos, o grupo de militantes passa a viver uma transformação que é norteadada pela História e pela Memória. O chamado Subcomandante Marcos, figura central dentro do exército, se refere ao contato com os tradutores indígenas que efetuavam o intermédio entre as comunidades e o movimento no período de 1985 a 1987, como um momento central da trajetória da organização. Segundo ele, é nesta instância que o exército zapatista percebe que tem muito a absorver e aprender frente a uma população indígena que possuía uma tradição de luta e resistência de cinco séculos de história (MARCOS, 1997, p. 92).

Assim, o EZLN subverte-se e se transforma. Elementos políticos, como os mais programáticos em referência à práxis<sup>5</sup> marxista-leninista e até mesmo da teoria do foco castro-guevarista, passam a estar em um segundo plano. No entanto, é importante ressaltar que não desaparecem por completo, como pode ser observado nas análises de conjuntura realizadas pelo movimento frente ao cenário político-econômico internacional, sua tática guerrilheira, sua postura de extremo anti-capitalismo e muitos signos presentes nas guerrilhas latino-americanas da segunda metade do século XX (como um apelo forte à identidade da pátria e seus símbolos). Agora, se gestava um movimento que crescia e se fazia orgânico em meio às comunidades de maneira lenta, mas constante. Os dirigentes do EZLN prezavam ao máximo, neste momento, pelos valores e pontos comuns da democracia, autonomia e, centralmente, dignidade. Estes elementos são centrais na constituição do que o EZLN passa a configurar, como se verá a frente.

---

<sup>4</sup> “Los revolucionarios aprendieron que los ritmos del pueblo no son los de ellos. Aprendieron que no sólo es cosa de organizar a los indios, sino aprender cómo están organizados. Construyeron organizaciones y politizaron a las existentes. (...) Descubrieron que el “reordenamiento del mundo” sólo podría venir de una lucha por la democracia que incluyera y partiera de las autonomías y los derechos de los pueblos indios y de los pobres que no son indios, hasta abarcar a toda la nación.” (Texto original) Tradução livre de Vinícius Fávero.

<sup>5</sup> Nesta pesquisa, a práxis será compreendida através das considerações de Antonio Gramsci, no primeiro volume de seus *Cadernos do Cárcere*. Nele, o autor aponta o conceito enquanto a união entre a teoria e prática na vida de um militante ou organização, estabelecendo uma relação complementar e vital entre tais esferas.



A nível contextual, há também um ponto central para se compreender o levantamento zapatista. O crescimento e adesão do governo mexicano de Carlos Salinas de Gortari, presidente eleito pelo PRI, ao neoliberalismo e suas políticas de alta privatização, estabelecimento de alianças com o grande capital transnacional, o Fundo Monetário Internacional (FMI) e uma profunda subserviência ao imperialismo estadunidense, aprofundam ainda mais as contradições do país, de Chiapas e com as populações originárias. Este processo se solidifica e tem um momento de ápice no transcorrer da constituição do Tratado de Livre Comércio da América do Norte (TLC-NAFTA). Este se baseava na criação de um bloco econômico a ser composto pelos EUA, Canadá e México, tendo como principal objetivo o estabelecimento de acordos de livre comércio e a unificação de taxas tarifárias entre os países membros, sendo um processo que previa a livre circulação de mercadorias, mas não de pessoas. Apadrinhado pelo FMI, o Executivo Federal mexicano defendia o tratado como o passo que colocaria o México em meio ao capitalismo de primeiro mundo, amplamente o utilizando como arma propagandista.

Dessa forma, em novembro de 1991, cumprindo as exigências do FMI, do TLC-NAFTA e os interesses dos grandes latifundiários do país, o governo federal envia ao Congresso um projeto de reforma do artigo 27 da Constituição Mexicana de 1917. Este artigo, por sua construção e estabelecimento, é emblemático na história do país, por reconhecer e estabelecer constitucionalmente a existência dos ejidos<sup>6</sup>. A reforma propunha que estes territórios pudessem ser comercializados, também reforçando um discurso de que o processo da reforma agrária já estava finalizado, não havendo mais terras a repartir. O projeto, através de uma aliança do PRI e o Partido de Ação Nacional (PAN), é aprovado.

Tal processo é analisado pelo EZLN, como uma sentença de morte às comunidades originárias. Logo, se alçam em uma ampla consulta as mesmas, a fim de direcionar seus próximos passos. A partir destes debates, aponta-se a vontade das comunidades de se levantar em armas contra o *mal governo* (CHOMSKY, 1995, p.12).

## **EZLN – Descobrir o que foi Encoberto: A História como ferramenta**

---

<sup>6</sup> Os *ejidos* são áreas de terra comunal administradas coletivamente pelas comunidades rurais indígenas do México. A criação do artigo 27, seu reconhecimento e estabelecimento constitucional buscaram considerar estas áreas como patrimônio nacional inegociável, sendo assim definidas a partir da reforma agrária de 1917.



Tendo em referência o processo e a análise da formação e estabelecimento do EZLN enquanto um ator singular no panorama da luta de classes mexicana e até mesmo mundial, percebe-se sua singularidade presente em sua característica central de configuração: um movimento histórico, no sentido de ser repleto de historicidade. O EZLN inicia sua revolta de forma armada, mas sua trajetória o afasta do embate violento e direto com as forças governamentais, para uma atuação vigilante, mas pacífica, em meio a sociedade civil, o que se estende até os dias de hoje.

Em todo o caminhar do diálogo, das transformações e dos embates que o cercam, o EZLN produz uma série de comunicados, notas, publicações e documentos abertos da organização, os quais expressam avaliações, perspectivas, proclamações e ações próprias. Estes constituem, um discurso fundamental de expressão direta do movimento, contendo em si muito de suas visões e avaliações sobre seu contexto e história. Dentre todas estas produções, são compiladas na coleção *EZLN: Documentos y Comunicados*, de cinco volumes, os escritos abrangendo o período de janeiro de 1994, até abril de 2001. Os escritos são organizados pela empresa editorial “Ediciones ERA” e pelo historiador mexicano Antonio García de León. As obras indicadas estão em estado de fácil acesso e disponíveis para aquisição, possibilitando, desse modo, um contato direto e simplificado de análise para o desenvolvimento teórico-metodológico da análise da presente pesquisa.

Através do estudo e análise do discurso do EZLN, capacita-se a observação de um elemento central para a estruturação deste movimento: sua perspectiva histórica.

A História mexicana, dos Povos Originários e até mesmo dos movimentos revolucionários latino-americanos possuem um local de destaque na práxis zapatista. Elas se configuram enquanto mobilizadoras de ações, perspectivas, análises de conjuntura e, centralmente, a maneira com que o exército se organiza. Tal processo será observado, dentro desta pesquisa, enquanto uma evidência de situação do presente movimento enquanto um fenômeno de *longa-duração*. Isso se comprova, em um primeiro momento, pela resistência das populações Maias que acumula experiências de centenas de anos, as quais se solidificam em uma organização política proveniente de sua formação e sua cosmovisão. Enfrentam uma dominação sistêmica, gerada através de um processo centenário de *encobrimento*, como se verá a frente. Dessa forma, a perspectiva da longa-duração, como definida por Fernand Braudel, enquanto ponto de análise do recorte aqui definido, faz-se necessárias e significativa. Braudel define os problemas da longa duração como marcados pelas dinâmicas das



“estruturas”, que seriam, para os historiadores, conjuntos, arquiteturas, organizações e coerências, veiculadas ao tempo demoradamente, tornando-se estáveis em meio a ele (BRAUDEL, 1965, p. 268). Assim, observamos a dominação sofrida pelos povos originários enquanto um fenômeno estrutural, gerando uma resistência centenária, que traz consigo acúmulos diversos que se solidificam e se apresentam ao EZLN em dinâmica de choque.

Neste panorama, o EZLN, através de seu levante armado e em suas perspectivas históricas, coloca-se em linha de frente contra a modernidade eurocêntrica e a perspectiva histórica que esta apresenta ao México e seus Povos Originários. O filósofo argentino Enrique Dussel, em sua obra *O Encobrimento do Outro: a Origem do Mito da Modernidade*, aponta a data de nascimento deste mito: 1492. Para o autor, não seria a queda de Constantinopla o evento definidor sobre o estabelecimento deste conceito e momento histórico, mas sim um evento ultramarino, que viria a redefinir a concepção da Europa sobre si e sobre os demais.

Seu surgimento através do momento em que o europeu, ao chegar às terras do continente que ele viria a nomear como americano, reconhece um *outro* que confere o posto de inferior, se confronta com ele, o confronta, violenta e vence. Através da fome voraz do mercantilismo capitalista o submete. Com isso, o europeu constrói o próprio *ego*, superior, conquistador, colonizador da alteridade que constitui a modernidade. Assim, percebe-se que este outro, o indígena originário, não foi *des-coberto* como *outro*, mas sim *en-coberto* (DUSSEL, 1993, p. 7). Logo, a conquista e seu processo brutal e assassino se fazem centrais para a constituição deste *ser* europeu. Para Dussel, a Modernidade como conceito surge quando a Europa se coloca enquanto o centro do mundo, e isso apenas se dá quando ela reconhece sua primeira periferia: a América e seus habitantes. Vê-se então, que não apenas a Europa cêntrica e a Modernidade são inventadas nesse momento, mas o próprio conceito de América para a perspectiva histórica europeia (Ibidem, p. 33).

A partir desta constatação, Dussel aponta a necessidade de se cunhar um diálogo, uma História, uma filosofia de libertação que *des-cubra* este excluído, o *outro* oprimido pelo europeu. Esta filosofia se vê muito presente em suas produções, principalmente na obra *Ética da Libertação: na Idade da Globalização e Exclusão*, que sintetiza este pensamento (DUSSEL, 1998). A mesma ética também se vê presente na Teologia da Libertação, sobre a qual o pensamento de Dussel tem grande influência. Esta mesma Teologia terá grande influência na politização dos indígenas chiapanecos durante a segunda metade do século XX,



através de uma grande ação pastoral que buscava mobilizar e amparar as necessidades imediatas destas populações na região (CASANOVA, 2009, p. 267).

Através da observação destes princípios e da obra documental do EZLN, pode-se interpretar não apenas o movimento de resistência dos Povos Originários de Chiapas (que possuem grande herança Maia e trajetória neste sentido, como apontado na contextualização anterior), mas também o “Já Basta!” (EZLN, 1994, p. 33) proferido pelo EZLN, como representante das comunidades que votavam pelo alçamento e publicização em armas, como agentes de *des-cobrimento* do *Outro* excluído frente à Modernidade forjada através da busca da subalternização.

No entanto, é vital o questionamento: qual México o EZLN busca apresentar? Qual perspectiva histórica?

Dentro desta perspectiva, para melhor traçar a rota de identificação desta realidade, a obra *México Profundo: Uma Civilização Negada*, de Guillermo Bonfil Batalla, mostra-se relevante. O autor aponta que, a História da nação mexicana é marcada por um ferrenho embate entre dois projetos. O embate entre eles, estaria presente desde a chegada dos europeus ao continente americano, trazendo consigo uma determinação de civilização que não incluiria os Povos Originários, se não apenas por opressão e exploração. Assim, a vivência, forma de vida e cosmovisão dos diversos povos indígenas configurariam uma proposta de civilização distinta, contraposta à europeia e ocidental (BATALLA, 1989).

Com este cenário, o autor sintetiza estes projetos de nação em dois conceitos distintos, um está presente no *México Profundo*, representado nas civilizações mesoamericanas, e outro no *México Imaginário*, angariado e construído desde a chegada dos invasores europeus e seu projeto de civilização ocidental. De acordo com Batalla, a história do México, a dos últimos 500 anos, é a história do confronto permanente entre estes projetos e a criação de duas sociedades distintas em seu âmago (Ibidem, p. 10).

Batalla aponta que, apesar das tentativas de destruição, apagamento e assassinato, as culturas que compõem o chamado *México Profundo*, estabelecem uma continuidade cultural e histórica centenária (Ibidem, p. 24). Mais especificamente, as tradições Maias de Chiapas, constituídas como periféricas frente ao projeto civilizatório, constituem em seu âmago de intercâmbio de experiências, uma cultura extremamente própria e distinta (Ibidem, p. 28). É importante também ressaltar que, para o autor, o ser *indígena* não se constitui na posse de simples características culturais, mas sim no pertencimento a um povo e coletividade



organizada. Em Chiapas, esta coletividade é marcada pela resistência de 500 anos de lutas (Ibidem, p. 48).

Neste debate, é interessante apontar que esta mesma perspectiva de existência de mais de um México dentro da nação contemporânea que assim se denomina, se vê presente na documentação e no discurso histórico zapatista. Tratado com um termo distinto, o “México do Porão”, o EZLN busca discorrer acerca de sua ação em apresentar e lutar por um México que se buscava esconder:

O México do porão é indígena... mas para o resto do país não conta, não produz, não vende, não compra, ou seja, não existe... Verifique o texto do Tratado de Livre Comércio e verá que, para este governo, os indígenas não existem. (...) O México do porão acumula tradições e misérias, possui os mais altos índices de marginalização e os mais baixos de nutrição. (EZLN, 1995, p. 56).<sup>7</sup>

Através da ótica de se *des-cobrir* o *México Profundo*, o *México do Porão*, percebe-se uma ação profunda de confronto com o mundo colonizador que ainda busca submeter e apagar a existência das realidades das comunidades originárias representadas e que compõem o EZLN. O indígena, dentro da nação mexicana, se não representado como membro de um passado distante, já morto, é observado enquanto um selvagem, animal ultrapassado. Suas tradições e práticas são relegadas, pelo colonizador moderno e pelo neoliberalismo voraz que olha para suas terras e suas riquezas com ganância, ao esquecimento. Nesta perspectiva, o panorama traçado por Frantz Fanon acerca do processo colonialista apresenta-se como uma chave de análise interessante para observar o paradigma histórico do EZLN e seu levantamento.

Por mais que o México não se configure como uma colônia desde o século XIX, a lógica do mundo colonialista permanece viva em seu âmago. No *México Imaginário*, se faz presente uma percepção histórica hispânica, colonialista e, na segunda metade do século XX, neoliberal. Enquanto isso, como observado anteriormente, a realidade, cosmovisão e a própria existência indígena busca ser colocada enquanto um elemento longínquo, primitivo. Suas terras são acossadas suas comunidades atacadas por jagunços, fazendo com que tenham de deixar locais de moradia, rumo a selva chiapaneca. Busca-se *en-cobrir* o *México do Porão*.

---

<sup>7</sup>El México del sótano es indígena... pero para el resto del país no cuenta, no produce, no vende, no compra, es decir, no existe... Revise usted el texto del Tratado de Libre Comercio y verá que, para este gobierno, no existen los indígenas. (...) “El México del sótano acumula tradiciones y misérias, posee los más altos índices de marginación y los más bajos de nutrición.” (Texto original) Tradução livre de Vinícius Fávero.



## Conclusões

Através deste escrito, percebe-se o quanto os elementos da historicidade mexicana e dos Povos Originários (que não necessariamente são elementos completamente distintos) são essenciais ao EZLN e a sua *práxis*. Como aponta Mignolo a revolução teórica presente no Zapatismo, se encontra justamente na transformação da *práxis* revolucionária que, em certo sentido, já possuíam um caráter latino-americano (como no guevarismo), mas que se subvertem em grande medida ao serem confrontadas com uma outra cosmovisão, uma outra humanidade.

Através do panorama de se observar a visão histórica do Zapatismo acerca de sua pátria, suas lutas e o projeto de nação que carrega, coloca-se em xeque as perspectivas de que a construção de um mundo distinto do que este no qual o movimento se insere não é mais possível. Com o estudo de sua análise da História do México, suas transições internas e a sua *práxis*, a presente pesquisa busca pela reflexão acerca destas ferramentas de transformação e a contestação frente a desilusão pela mudança revolucionária da sociedade. A revalorização do sentido de tais posições faz-se presente pela apresentação do projeto político que impulsiona o EZLN, baliza a *práxis* destes militantes, e se mobiliza contra o *en-cobrimiento*, contra o esquecimento:

O esquecimento, alondra tão distante, é a causa de nossa caminhada sem rosto. Para matar o esquecimento com um pouco de memória, cobrimos o peito e a esperança com chumbo (EZLN, 1994, p. 247).<sup>8</sup>

## Referências

BATALLA, Guillermo Bonfil. **México Profundo**: una civilización negada. México D.F: Grijalbo, 1989.

BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais: a longa duração. **Revista de História**, [S.L.], v. 30, n. 62, p. 261, 30 jun. 1965. Universidade de Sao Paulo, Agencia USP de Gestao da InformacaoAcademica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.1965.123422>.

CASANOVA, Pablo González. **De la sociología del poder a la sociología de la explotación**: pensar américa latina en el siglo xxi. Bogotá: Siglo del Hombre Editores y Clacso, 2009.

---

<sup>8</sup>“El olvido, alondra tan lejana, es la causa de nuestro andar sin rostro. Para matar el olvido con un poco de memoria, de plomo cubrimos el pecho y la Esperanza” Texto original) Tradução livre de Vinícius Fávero.



CHOMSKY, Noam; TIGUERA, Sebastiao; DÍAZ, Roberto; POLANCO, Hector Díaz; DUSSEL, Enrique. **Chiapas Insurgente**: 5 ensayos sobre la realidad mexicana. Tafalla: Txalaparta, 1995.

DUSSEL, Enrique. **O Encobrimento do Outro**. Petrópolis: Vozes, 1993.

DUSSEL, Enrique. **Ética da Libertação**: na idade da globalização e exclusão. Petrópolis: Vozes, 1998.

EZLN. **Documentos y Comunicados**. México D.F: Era, 1994. 1 v.

EZLN. **Documentos y Comunicados**. México D.F: Era, 1995. 2 v.

EZLN. **Documentos y Comunicados**. México D.F: Era, 1997. 3 v.

GENARI, Emilio. **Chiapas**: as comunidades zapatistas reescrevem sua história. Rio de Janeiro: Achiamé, 2002.

GENARI, Emilio. **EZLN**: passos de uma rebeldia. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

GENARI, Emilio. **Chiapas**: as comunidades zapatistas reescrevem sua história. Rio de Janeiro: Achiamé, 2002.

HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MARCOS, Subcomandante; BOT, Yvon Le. **O Sonho Zapatista**. Lisboa: Asa, 1997.

MIGNOLO, Walter D.. **The Darker Side of Westen Modernity**: global futures, decolonial options. London: Duke University Press, 2011.